

A Dimensão Educativa dos Museus: o tempo, a memória e o encantamento

La dimensión educativa de los museos: el tiempo, la memoria y el encanto

Renata Silva Almendra¹
Valdemar de Assis Lima²

DOI 10.26512/museologia.v14i27.60071

Os museus são processos de educação que oportunizam importantes experiências de uso social da memória para os seus diferentes públicos. Em suas variadas tipologias, as instituições museais devem assumir a sua responsabilidade de propor políticas de educação que agenciem estratégias sociorreferenciadas de intervenção na vida em sociedade com vistas à transformação social.

A dimensão educativa dos museus se firmou enquanto um dos princípios da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), que estabelece a educação museal como “função dos museus, reconhecida nas leis e explicitada nos documentos norteadores, juntamente com a preservação, comunicação e pesquisa” (Portaria Ibram nº 605 de 10 de agosto de 2021).

Nesse sentido, a função educativa dos museus é compreendida não apenas pelo Plano Museológico e demais instrumentos de gestão e planejamento museal, tampouco se circunscreve ao seu Programa Educativo e Cultural, mas se estende aos processos museais como um todo e opera na formação de profissionais educadoras/es a fim de que trabalhem de forma responsável e crítica, estimulando a vontade de memória das diferentes subjetividades e suas respectivas demandas e interesses. Museus e demais processos museais comprometidos com a saúde cultural das pessoas e articulados com o exercício de direito de memória, estimulam pesquisas sobre educação museal e suas práticas, com vistas a fruição e fluïção dos diferentes perfis de públicos, entendidos como sujeitos de memória.

¹ Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - Departamento de Métodos e Técnicas, na área de Ensino de História. Historiadora e Museóloga com doutorado em História pela Universidade de Brasília - linha de pesquisa: História Cultural, Memórias e Identidades. Possui mestrado em História (UnB, 2006), Especialização em Educação a Distância (UnB, 2009) e Especialização em Artes Visuais: Cultura e Criação (Senac, 2012). Por 13 anos atuou ativamente na Política Nacional de Museus ao compor o quadro de servidores do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), onde desenvolveu trabalhos relativos à educação museal e a elaboração da Política Nacional de Educação Museal PNEM. Compõe o grupo de pesquisa interdisciplinar Capital e Periferia (CNPq-UnB) e o Grupo de Pesquisa em Educação Museal (CNPq-Ibram). Tem como áreas de pesquisa o ensino de história; educação museal; educação patrimonial; história urbana e de Brasília.

² Professor do curso de graduação em Museologia da Universidade de Brasília (UnB). Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em Arte Educação e Linguagens Artísticas Contemporâneas pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA/UFBA). Museólogo pela UFBA. Membro dos grupos de pesquisa: Patrimônio, Memória e Educação (PAMEDUC/UFSC) e Museologia, Patrimônio e Memória (MPM/UnB). Integrante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UnB). Sócio emérito do Instituto Memorial Lélia Gonzalez (IMELG). Desenvolve pesquisa e atuação no campo das relações étnico-raciais mobilizando o temário da educação antirracista para as relações étnico raciais, educação para o patrimônio e educação museal.

Tradicionalmente, os museus se estruturaram e estabeleceram suas funções em três pilares: a pesquisa, a preservação e a comunicação. No entanto, é fundamental ressaltar e relembrar que a reivindicação da sociedade por um sentido de complementaridade e interdependência entre tais funções, passou a evidenciar o caráter orgânico e dinâmico das instituições e processos museais. A educação museal, portanto, deixa de ser entendida como secundária ou de caráter apenas executório, e passa a ter a sua dimensão associada à essas funções museais tradicionais. Partindo desse entendimento, Soares e Guzman (2019) destacam o crescimento significativo de pesquisas acadêmicas no campo dos museus, em específico sobre educação museal:

No contexto brasileiro vemos avançar a ideia de que a dimensão educativa dos museus não está, ou não deve estar dissociada da pesquisa/investigação nas suas diversas possibilidades. A ampliação e o acolhimento de temas na pós-graduação (lato e stricto sensu) que investigam a educação museal, seus aspectos constitutivos e suas expressões nas diferentes tipologias de acervos, podem servir de termômetro para qualificar o quanto o trinômio pesquisa-educação-formação vem se consolidando (Guzman, Soares, 2019: 122-123).

Como campo consolidado de práticas e reflexões, a educação museal, hoje, não se limita a situações de ensino/aprendizagem sobre aquilo que está exposto, mas provoca sentidos e sentires, mobiliza afetos, transformando a visita em experiência crítica. Nesse processo, a memória ganha corpo de narrativa com imagens, cores, texturas, conformações que provocam o sentipensamento (Fals Borda, 2015), e o rememorar é tomado como ato político de resistência. E, ao mesmo tempo que as pessoas inventam e reinventam a memória, em cada vestígio guardado — uma história oral, uma fotografia, uma ferramenta de trabalho, uma canção, uma vestimenta ... — também (re)inventam a si mesmas, fazendo um espelhamento onde se reconhecem em sua humanidade.

A educação museal transforma o museu em escola do tempo, onde o passado se oferece como espelho e o presente como construção coletiva onde o futuro sevê. Coadunada com as funções sociais do museu, se ocupa do essencial: não apenas ensinar, mas encantar; para além de conservar, coletivamente construir sentidos. Trata-se, portanto, de uma educação pela memória e para a memória, que entende o objeto ou bem cultural musealizável ou musealizado, não como passado encerrado, mas como presença social, campo de disputa simbólica e direito coletivo.

Num sistema-mundo (Cox, 1948) sob o signo do capitalismo, a pressa capitalista impõe uma velocidade necrófila (Mbembe, 2018) em que tudo é superficial, descartável. Nesse contexto, os museus se tornam espaços de resistência: o gesto de pausa que nos reconcilia com o tempo do sensível; o ponto de inflexão onde a arte, a história, a memória e a ética se encontram. Nos museus, onde o conhecimento se faz encontro de memórias, educar é, antes de tudo, reencantar o olhar sobre o mundo que ainda pode ser.

Evidência concreta da expansão do pensamento museológico na contemporaneidade, este dossiê agrega pesquisas consolidadas que vêm sendo desenvolvidas na esfera acadêmica. No entanto, julgamos fundamental sublinhar que, a despeito das universidades serem catalisadoras e possibilitadoras da realização de pesquisas no campo da educação, há pesquisas desenvolvidas dentro dos próprios museus, nascidas das experiências práticas de quem vive o cotidiano das instituições - seus desafios, percalços e avanços - e que são igualmente

importantes, mesmo não sendo realizadas especificamente no contexto acadêmico. E este dossiê também é revelador dessas práticas e vivências.

Nesse sentido, as reflexões sobre educação museal aqui reunidas, destacam a função educativa dos museus e processos museais em diálogo com o pensamento contemporâneo em museologia, fomentando debates que perpassam pesquisas no campo da educação museal; formas sociorreferenciadas de realização de projetos e práticas educativas nos museus; acessibilidade; sustentabilidade socioambiental em ações educativas; uso de novas mídias e tecnologias; e demais questões centradas na educação dos/nos museus como processos de fortalecimento de subjetividades e estímulo ao uso social da memória com vistas à transformação social.

Os 17 artigos que compõem esse dossiê foram agrupados em três blocos temáticos, a partir da diversidade e riqueza de discussões apresentadas, mesclando debates teóricos com estratégias de ação, práticas e relatos de experiência. O primeiro bloco traz percursos históricos da educação museal, conceitos relacionados a esse modal de educação, práticas educativas decoloniais e a educação para o patrimônio em suas imanências e transcendências. O artigo que abre este bloco – “A presença na ausência: Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago (Chile), 1972” - de autoria de Carlos Henrique Gomes da Silva, apresenta uma perspectiva histórica que remete à importante Mesa de Santiago do Chile e as influências das ideias de Paulo Freire, destacando o papel dos museus como espaços formativos. Em seguida, Valdemar de Assis Lima, no artigo “Porque a Educação Museal é formal: uma proposta de reflexão sobre o compromisso educacional dos museus e demais processos museais”, propõe um debate sobre como uma Educação Museal sociorreferenciada, comprometida com o uso social da memória, se traduz em uma experiência legítima de educação formal, termo tradicionalmente vinculado a um modelo escolarizado de educação. O artigo “Definição ou conceito? Traduzindo uma educação museal brasileira em emergência”, de Thiago Consiglio e Silvio Cesar Moral Marques, busca apresentar o campo da Educação Museal em seu processo de consolidação. O artigo seguinte, de autoria de Wanessa Lott e intitulado “Educação Museal e pautas decoloniais: uma relação necessária”, aborda como os museus, a partir de um efetivo diálogo com as comunidades em que estão inseridos, podem atuar na revisão das narrativas colonialistas e na mudança das práticas museológicas tradicionalmente instituídas, tendo a educação como catalisadora dessas transformações.

Os dois últimos artigos deste bloco trazem uma discussão que nasce de práticas desenvolvidas em duas instituições específicas – o Núcleo de Pesquisa dos Ex-votos (projeto do Departamento de Museologia da UFBA) e o Museu Vivo da Memória Candanga, localizado em Brasília. O primeiro, intitulado “Dimensões educativas do acervo do Núcleo de Pesquisa dos Ex-votos”, tem a autoria coletiva de José Cláudio Oliveira, Silvana Bastos Paula, Alexandra Ribeiro e Fernanda Mascarenhas e é fruto de um trabalho que integra pesquisa, preservação e educação no acervo de ex-votos. Por fim, o artigo que fecha este primeiro bloco - “A musealização de acampamentos pioneiros como referências culturais candangas: a práxis educativa na formação do Museu Vivo da Memória Candanga”, de Karolline Pacheco Santos, discute a formação do referido museu enquanto iniciativa seminal de experiências educativas e, reflexivamente, apresenta a ação educativa como vetor de musealização, subsidiador de práticas que contribuem para processos sociomuseais comprometidos com a reparação

histórica e o fortalecimento de subjetividades que sofrem tentativas de marginalização.

O segundo bloco contempla artigos que discutem algumas práticas educativas dos museus à luz de diferentes públicos, explicitando os conceitos e referenciais teóricos e metodológicos que embasam o desenvolvimento de tais práticas. A Pesquisa Nacional de Práticas Educativas nos Museus Brasileiros: um panorama a partir da Política Nacional de Educação Museal - PNEM Brasil (2023) revela que o público escolar, compreendendo os segmentos do ensino fundamental, médio e superior, é o mais beneficiado pelas atividades educativas nos museus brasileiros. No entanto, a mesma pesquisa discute que o estreitamento do diálogo com as comunidades potencializa as possibilidades de abertura do museu para acolher novos públicos. Nessa perspectiva, o artigo que abre esse bloco “Educação museal e gestão de riscos no Centro Cultural Três Poderes: valorização do patrimônio humano e material” -, escrito por Renata Silva Almendra e Valentina Gomes Luxen, apresenta o relato de uma ação educativa realizada com as equipes de limpeza e vigilância do Centro Cultural Três Poderes (CC3P), localizado no centro político e administrativo da capital federal, mostrando a importância do cuidado com o patrimônio humano que integra as instituições museológicas. Em seguida, os autores Artani Grangeiro da Silva Pedrosa, Lourenildo Targino Pedrosa e Neemias Oliveira da Silva apresentam no artigo “Museus e o público escolar da Educação de Jovens e Adultos: desafios e potencialidades vivenciadas com o Museu do Catetinho” com os resultados de uma pesquisa-ação que abordou vivências com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Museu do Catetinho, também em Brasília, propondo o acesso ao patrimônio cultural como ferramenta de promoção da cidadania. Fechando este segundo bloco está o artigo “Meninas no MAST: práticas e considerações sobre educação museal feminista na colaboração entre escolas públicas e o museu”, que teve a escrita coletiva de Alejandra Eismann, Patrícia Spinelli, Cláudia Sá Rego Matos, Juliana Sorrilha Monteiro e Giselle Devéza de Andrade. O artigo apresenta a prática e o arcabouço teórico associado ao desenvolvimento de clubes de ciências para e com meninas na colaboração entre o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) e as escolas públicas do mesmo território.

O terceiro bloco aglutina artigos que abordam uma perspectiva de educação museal alinhada à educação das relações ético raciais. Com o advento das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que dispõem sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana, afrobrasileira e indígena em toda a educação básica, os museus também reafirmam sua responsabilidade educacional em promover projetos políticos antirracistas em diálogo com iniciativas insurgentes de comunidades contra hegemônicas, com vistas à equidade e a justiça racial. Os artigos que constituem este bloco são: “Comunidade indígena Balatiponé-Umutina: uma experiência intercultural no Museu Casa Borges”, de João Mário de Arruda Adrião e Helena Uzeda, que apresenta os resultados de uma exposição etnográfica sobre a trajetória do povo originário Balatiponé-Umutina. Em “Educação em Museus afro-brasileiros: um olhar para o espetáculo teatral 13 de Maio no MAFRO da Bahia”, de Vinícius Santos da Silva Zacarias, a relação entre museu, teatro e educação é discutida à luz da encenação de uma peça teatral.

Fecham esse bloco, 2 artigos que trazem experiências que se alinham às práticas de sustentabilidade socioambiental em ações educativas. “Museologia e educação no estuário do Itapicuru: dimensões pedagógicas de um diálogo inter-

DOSSIÊ

cultural”, apresenta as relações entre uma escola municipal e uma comunidade de pesca artesanal, escrito em parceria pelos autores Charbel Niño El-Hani, Sidélia Santos Teixeira, Manoela Paiva e Mariana Moura Souza. E, por fim, o artigo “Sobre o que falamos quando o tema é crise climática?: análise de conversas emergidas em visitas de famílias à exposição Cambio Climático do Maloka (Bogotá, Colômbia)”, dos autores Lígia Danielle Lacerda, Luisa Massarani, Alice Ribeiro e Sigrid Falla Morales, traz uma análise do impacto de uma exposição sobre crise climática em conversas e interações de seus visitantes.

O quarto e último bloco de artigos reflete os debates insurgentes sobre acessibilidades na Educação Museal, com foco na inclusão e inserção societárias. Conforme previsto no Estatuto de Museus – Lei n. 11.904/2009, “os museus caracterizar-se-ão pela acessibilidade universal dos diferentes públicos” e os 4 artigos que compõem este bloco apresentam iniciativas, projetos e ações educativas que se propõem a atender à fluidez e à fruição museal dos diferentes perfis de públicos. Nesse sentido, o artigo de Martha Carvalho e Sue Anne Regina Ferreira da Costa “O uso do audioguia como um recurso facilitador para compreender o patrimônio no ambiente expositivo de um aquário amazônico para pessoas com deficiência visual (PCDV)” relata a experiência de implementação de tecnologia assistiva para ampliar a acessibilidade cultural e natural de pessoas com deficiência visual. Em “Comunicação visual e experiência do visitante: a sinalização como aspecto de facilitação da vocação educativa do Museu Paraense Emílio Goeldi” as autoras Sâmia Batista e Silva e Carolina Santos estudaram o sistema de sinalização adotado pelo museu e trazem sugestões de melhorias visando a autonomia dos usuários para maior aprendizado e lazer.

Por fim, os dois artigos que fecham o dossier lançam um olhar para as especificidades das práticas educativas nos museus de ciências em face às questões de acessibilidade e inclusão. Em “Concepções do educativo de um museu de ciências sobre a sua formação museal com foco em acessibilidade”, Ianna Gara Cirilo e João Rodrigo Santos da Silva discutem a importância da formação dos educadores museais para garantir o acesso pleno e democrático das pessoas com e sem deficiências aos museus e espaços culturais. Essa discussão é complementada no artigo de Gabriela Sehnem Heck e Jéssica Noberto Rocha – “A dimensão educativa dos museus e o capital da ciência: reflexões sobre inclusão e acessibilidade no campo científico” -, que aborda o potencial da articulação das ideias de Capital da Ciência, inclusão e acessibilidade na Política Nacional de Educação Museal (PNEM).

Espelho de esperançar onde nossas vontades de memória se refletem em nós.

Na capa desta revista há um mosaico imagético que celebram encontros -cosmopercepções, sonhos, narrativas que se encontram e se organizam, construindo uma grande história comum. Cada fotografia é um instante de descoberta, uma centelha de sensibilidade acesa no território da educação museal e cada experiência educativa é um gesto de resistência, um ato de cuidado, uma semente lançada ao mundo para que floresçam formas de ser e estar, de lembrar e de bem-viver, na comunhão de diferenças. Fragmentos de um todo que revela as diferenças e as potências da educação museal.

São janelas singulares: crianças em descoberta, jovens em diálogo, mestres e aprendizes compartilhando saberes, comunidades inteiras reinventando suas formas de rememorar, narrar e reinventar a vida. Enfim, um convite a

enxergar, sentir e transformar o mundo a partir da força das memórias compartilhadas. São muitas as vozes que constroem a educação museal: pessoas de diferentes localismos e origens, unidas pela experiência de aprender e ensinar com a memória, pela memória. Muito mais do que um retrato, as pessoas, lugares e ações que aparecem no entrelaçar de imagens representam esse campo vivo de possibilidades que é a educação museal. Um campo fértil onde a rememoração se faz presença e o olhar se educa pelo sentipensar. Dentro, fora e através dos museus a memória é açãoada pela educação museal como prática social.

A educação museal aparece aqui, portanto, como espaço de criação, escuta, interação e integração. É o espaço em que memórias ganham corpo nas mãos que tocam, nas vozes que contam, nos silêncios que também dizem muito. É um convite a olhar o passado como matéria viva, capaz de inspirar o agora e de sonhar futuros mais justos e mais humanos, convidando ao exercício da imaginação museal, pensando e (re)interpretando o passado à luz das urgências do presente e dos sonhos de futuro. Em cada gesto educativo-museal, há o compromisso com o fortalecimento das subjetividades, com o uso social da memória como instrumento de transformação social. Museus, nesse sentido, se reafirmam como espaços de convivência, reflexão e emancipação.

À guisa de conclusão, destacamos a robustez desse dossiê, que revela o crescimento exponencial das pesquisas sobre Educação Museal no Brasil, mostrando que o entendimento da dimensão educativa dos museus com uma de suas funções precípuas extrapola o texto da PNEM e se traduz numa realidade consolidada. Agradecemos a cada uma das autorias que contribuíram com suas produções inéditas para a composição deste material, partilhando suas experiências e saberes. Igualmente, agradecemos à equipe editorial da Revista Museologia & Interdisciplinaridade pela oportunidade de organização deste dossiê e pelos diálogos e trocas sempre tão profícuos.

Referências

- CANEDO, Daniele Pereira; SEVERINO, José Roberto [et al.]. Pesquisa nacional de práticas educativas dos museus brasileiros: um panorama a partir da Política Nacional de Educação Museal - Relatório Final. 1 ed. Joinville, SC: Casa Aberta Editora e Livraria; Instituto Brasileiro de Museus, 2023.
- COX, O C. *Caste, class and race: a study in social dynamics*. New York: Doubleday and Company, 1948.
- FALS BORDA, Orlando. *Una Sociología sentipensante para a América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2015.
- GRUZMAN, Carla; SOARES, Ozias Jesus. O lugar da pesquisa na educação museal: desafios, panorama e perspectivas. In: *Revista Docêncie e Cibercultura*, vol. 3, n.2. Rio de Janeiro, maio/agosto de 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). *Política Nacional de Educação Museal*. Brasília, DF: IBRAM/MinC, 2017.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.